Coleção de Outono:

"*uma coleção de sentimentos, sensações e pensamentos*"

Josiel Vieira

Asa de Morcego

Ainda estavam frescas as palavras na sua mente:

- Como você consegue viver assim? Que coisa nojenta! Isso é coisa que se ofereça para uma menina que nem eu? Seu porco retardado! Onde já se viu oferecer uma asa de morcego pra uma menina?! Seu idiota! Otário! Você acha mesmo que iria me conquistar com essa coisa nojenta? Vai te catar!

O bruxinho gordinho se encolheu num canto, no escuro, com sua querida asa de morcego. Ela era a coisa que ele mais gostava nessa vida; com ela havia voado para muitos lugares legais, longe das pessoas que o achavam estranho. Quando todo mundo fugia dele, aquela asinha de morcego lhe fazia companhia e lhe proporcionava divertidas bruxarias que o faziam morrer de tanto rir; e assim se divertindo se esquecia de sua triste sina; e quando por vezes lhe fustigava uma tempestade de lágrimas, era sob a asa de morcego que encontrava abrigo e calor. Assim, quando a menina mais bonita da escola lhe disse aquilo, foi como se alguém enfiasse uma estaca em seu peito. Pela primeira vez sentiu-se o monstro que todos diziam que ele era. Tão novo e tão monstruoso, que nada entendia do que as meninas bonitas gostavam.

E então, quando as calendas estavam no dia de São José, a lua estava crescente em Sagitário e o planeta Vênus fazia bom aspecto com escorpião - coisas bruxescas que só os bruxos entendem - ele caminhava com sua querida asa de morcego, quando ao dobrar aquela esquina ele viu um menina extremamente esquisita.

Ela era magrela e usava compridas e estapafúrdias meias listradas de branco e preto. Estava com uma mini-saia estranha de uma cor obscura, com uma blusinha extravagante de preta e luvas que lhe cobriam completamente os braços; cabelos pintados de uma cor berrante completavam o visual daquela singular figura. Ah! não podemos esquecer do seu chapéu pontudo e do caldeirão fumegante onde ela mexia com uma colher de pau.

E ele olhou para ela assim como alguém que pela primeira vez ver o sol nascendo.

Ela parecia meio brava, pois dizia:

- Droga, está faltando uma asa de morcego para minha poção...

E foi assim que a asinha de morcego proporcionou pela última vez alegria para o bruxinho.

FIM

ps: dizem que os dois ainda estão voando por aí, felizes da vida.

A resposta

A lâmina da represa sob o Sol; um café à margem da represa. Ele sentado ali, vendo a lâmina, vendo lâminas, lâminas, lâminas...

Mãos cruzadas sobre a mesa.

Seu terno cor de grafite; e ele era tão jovem, e tão bonito.

Sua boca quase feminina de tão bonita, seu olhar assustadoramente profundo, suas sobrancelhas grossas e expressão severa, grave, inteligente, triste, fria e distante no rosto magro, e a menina podia observar tudo isso nele.

A menina.

A represa.

A lâmina.

Mãos cruzadas; vidas ainda cruzadas como mãos, como dedos de um aperto de mão que se desfaz.

Pergunta:

- Você continua doando sangue?

- Sim. Acredito no amor ao próximo.

- Suponho que ainda seja voluntário.

- Sim. Sim.

- É, eu imaginei que você continuasse gostando de ajudar pessoas.

- Pois é.

- E andam comentando cada vez mais do seu trabalho... é muito bom...

- Eu sei...

- Você é inteligente. E é legal conversar com você.

- Ora, obrigado.

Silêncio.

Ela olha para o chão.

Mais silêncio. Uma represa cheia.

E então ela perde o controle, transborda e avança furiosa para ele, o segura pelo colarinho e o sacode com ódio, com os olhos transtornados de lágrimas e ódio:

- ESCUTA AQUI, SEU FILHO DA PUTA, EU ME ODEIO POR NÃO TE AMAR! VOCÊ É O FILHO DA PUTA MAIS LEGAL QUE EU CONHECI, E MESMO ASSIM, NÃO ADIANTA; EU NÃO CONSIGO TE AMAR! PODE ME EXPLICAR COMO É POSSÍVEL UMA DESGRAÇA DESSAS?

Ele tira um cigarro do terno amarrotado pelas mãos trêmulas dela. Vira a cara, acende o cigarro, sentindo o corpo ofegante dela sobre o dele. Dá uma tragada, e solta para o alto uma longa e pensativa baforada. Em seguida olha para ela:

- Eu não sei.

Ela dá um beijo furioso na boca dele e em seguida um violentíssimo tapa. E se vai.

Ele continua parado, uma mão sobre a mesa, outra a segurar o queixo de uma maneira elegante, e entre os dedos dessa mão, o cigarro. Pensando.

Fim

04/07/2006

Como agarrar um homem

No alto da ladeira onde o sol se põe vermelho, um vulto negro desponta, ágil, por entre o trânsito lento dos carros, e corre desesperado, ladeira abaixo, tendo às suas costas o disco do sol.

— Socorro!

Os motoristas vêem aquele rapaz correndo de olhos arregalados.

— Não fuja, meu amor!

E então reparam no retrovisor...

O sol no alto da ladeira é momentaneamente encoberto por uma coisa gigantesca, sibilante, que paira no ar através de jatos luminosos nos pés.

— Alguém me ajude!

O rapaz corria apavorado, aos tropeções.

— Eu te amo!

A coisa metálica e gigantesca voou ladeira abaixo, os seus jatos de propulsão virando e capotando os carros.

—Socoooooooorro! Ela é louca!

O rapaz entrou numa viela; tropeçou numa poça mas se levantou e continuou correndo.

— Meu chuchuzinho, não adianta se esconder de mim!

E aquilo que parecia ser um robô pairou um pouco na frente da viela, e depois abriu caminho dando cotoveladas furiosas nos prédios. Alguns atônitos executivos viram, através dos enormes rombos nas paredes dos seus escritórios, o monstro passar; outros que ficaram pendurados nas ferragens expostas conferiram que tinha alguém pilotando aquela coisa. Alguém de longa cabeleira, que esvoaçava loucamente devido à velocidade com que o bólido voava a abria caminho na estreita viela.

O pobre rapaz se enfiou embaixo de uma carreta estacionada.

— Iu-huu! Queridoo!... eu já vi você-ê!...

Uma carreta de setenta toneladas é jogada longe como se fosse de isopor.

Uma mão metálica avança na direção do rapaz. A impressão que dá é de uma enorme retroescavadeira que vai abrir uma cratera no chão. O rapaz trinca os dentes, fecha os olhos e protege a cabeça com as mãos, tremendo com as pernas tortas.

Mas não obstante, a mão o pega com delicadeza, e o ergue para perto da cabeça do monstro metálico onde uma garota estava sentada numa espécie de cabine aberta.

O braço para de se mover.

O rapaz está firmemente seguro nos dedos metálicos, impossibilitado de se mexer.

A menina sai da cabine, caminha perigosamente pelo longo braço robótico ("Ela é louca! Ela é louca", pensa o desconsolado rapaz ao olhar para ela andando daquele jeito despreocupada, numa altura de uns trinta metros). Ela chega até ele, e antes que ele pudesse falar alguma coisa, ela o beija.

Ele ainda tenta falar alguma coisa, mas sua voz é abafada pelo beijo dela.

Ambos fecham os olhos.

Dois executivos vêem a cena agarrados num pedaço de ferragem e concreto, com as gravatas sacudidas pelo vento do décimo andar e os cabelos molhados por um encanamento estourado e os óculos embaçados pela poeira e fuligem.

— Puxa, eu aplaudiria esses dois... se eu pudesse — um deles falou, com as mãos quase escorregando.

—É... taí como agarrar um homem — comentou o outro.

FIM

O Negro

T*intas.*
Cores líqüidas.
Chove.
Líqüido céu negro.
Que escorre.
Um pequeno prédio azul. Contraste.
O prédio é um café acolhedor.

Dentro dele, vapores.
Que saem das xícaras.
Diante delas, pessoas difusas.
Barulho da chuva.
Que cai do negro céu.
Na vidraça azul do café.
Que é olhada pelo menino negro.
Ele está sentado sozinho.
Num canto escuro. Mas sossegado.
E bebendo o líqüido negro. Já não se sabe se é café, já não sabe se é o céu da tempestade, já não sabe se é a si próprio que bebe e lhe amarga a língua vermelha.
Ele olha a esquina através da vidraça.
Esquina esboçada em cinza.
Cinza interno.
Pensa na conversa que teve com ela.
Ela queria voltar para ele.
Ele perguntou: por quê?
"Porque sinto saudades", ela suspirou.
Do quê?
"Do seu carinho".
Defina carinho, ele pediu.
"Suas mãos no meu corpo. O gosto de sua pele. O seu cheiro. Sua língua.Fazer amor com você".
Ele então sacudiu os braços e lançou um olhar desesperado para ela:
- Escuta, é por isso mesmo que eu não quero ficar com você! Não percebe que me tratar apenas como um "bom amante", longe de me deixar envaidecido, me deixa triste com você? Entenda: eu quero viver com alguém que me valorize enquanto ser humano único que sou, e que se interesse por meus sonhos, minhas idéias, meus sentimentos e meus defeitos e meus medos! Ou seja, eu quero que sintam saudades de um carinho muito diferente desse que você imagina. Pois eu sou muito mais que meu corpo e sou muito mais que o seu tesão por minha etnia.
Esquina cinza. Mundo em penumbra. Ainda chove. Ele no seu canto. Bebendo-se. Alguém chega e pergunta a ele do resultado do futebol. Ele diz que não se interessa por futebol e sequer sabe chutar uma bola, e vê na cara de espanto da pessoa a pergunta:"Mas como um negro não se interessa por futebol??"
E ele continua na dele. Bebendo-se.
Tira da jaqueta de couro um caderninho e começa a rabiscar distraidamente uns versos multicores numa letra caprichada, letra de poeta. Na mesa ao lado um casal de meia idade observa aquele menino de uns vinte anos. O homem lança para ele uns olhares desconfiados, como se estivesse olhando para um alienígena. A esposa lança uns olhares de desejo ardente da maneira como só as mulheres de classe média conseguem lançar para aquilo que não podem comprar. E ele escreve, indiferente. Perdido em si.
Bebendo-se.
Jogando-se.
Nas cores.
Nos dias.
Era sábado, treze de maio.

27/04/2006 15h30min

<u>O Vampiro e o Fantasma</u>

Era uma vez um vampiro que gostava de conversar com um fantasma. Vampiros não têm amigos, e fantasmas também não.

Os pálidos fantasmas não possuem uma gota do vermelho sangue que possa interessar aos vampiros obscuros; por outro lado os assustadores vampiros não se assustam com os sustos fantasmagóricos nem

com qualquer outra *fantasmice* dos seres fantasmais - afinal, os fantasmas se divertem assustando, de maneira que nada havia que impressionasse ou que despertasse o interesse mais imediato de um ou outro. Talvez por isso mesmo os dois se estimassem.

Em geral o vampiro aparecia com os caninos tintos, farto do sangue alheio sugado em meio a sedução e violência; farto de sangue, mas faminto de companhia. Encontrava então o fantasma vagando por entre os túmulos, muito branco e muito diáfano, como se fosse assim um sopro de algo delicado, uma lembrança, uma saudade tênue que se escapa.

- Ora, olá, fantasma!

Ao que a alma ficava feliz por vê-lo novamente:

- Oi, senhor vampiro, como vai?

- Muito bem nessa bela noite de lua cheia de fim de verão.

- É mesmo, está fazendo uma noite realmente deliciosa.

- Notou que belo aroma de dama-da-noite? - o vampiro murmurou de olhos fechados, inspirando profundamente na penumbra do cemitério.

- Bem, senhor vampiro... eu não saberia dizer. É que não posso sentir mais nada, hi, hi, hi, hi! - a alma deu um sorrisinho sapeca, como se fosse uma menina de dez anos que houvesse feito alguma molequice. E depois continuou, com um tom de interesse na voz - pelo sangue em sua boca, essa noite foi bastante proveitosa, não é mesmo?

- Até que sim. Não posso me queixar. Mas também não gosto de me gabar disso. Olha só como as coisas ficam bonitas sob a luz branca da lua! Uma coisa triste como um cemitério se torna o jardim mais bonito do mundo.

Sentaram num túmulo anônimo e digno.

- Não sabia que considerava o cemitério um lugar triste. Aliás, não sabia que não gostava de tristeza, senhor vampiro.

- Sim, fantasma, eu odeio coisas tristes.

- Mas você... sua existência... sei lá... - a alma murmurou - é... com o perdão da palavra... muito...

- ...Triste. Sim, eu sei disso. Minha vida é um poço sem fundo de tristeza. Talvez por isso, por saber da tristeza em todas as suas nuances, e também saber tudo o que se possa saber sobre a dor, a desgraça, a agonia, o ódio e tudo o mais que seja ruim e escuro, é que eu gosto das coisas alegres e bonitas.

A alma observava a sombra flutuante das copas das árvores no chão do cemitério:

- Há entre os vivos quem ache que só o que é triste e infeliz é que é real.

- Pobres idiotas. Eles estão mais mortos que você e eu, fantasma. Muitos desses são os que oferecem o pescoço para mim. Mas eu me recuso a sugar. Eu tenho nojo de gente assim.

O fantasma viu uma estrela cadente e suspirou:

- Ah, se eles soubessem que até o inferno se recusa a queimá-los! O inferno está cheio que gente interessante que viveu até o fim, se divertindo, se arriscando... as chamas do inferno precisam ser alimentadas com a madeira boa e cheirosa da paixão e do desejo, e nunca com as folhas podres duma vida infeliz.

A lua cheia começou a sofrer um eclipse. O vampiro olhou significativamente para a alma.

- Ei. Você não foi para o inferno.

- Sim...

- Então você teve uma vida infeliz...

Um silêncio.

Num canto do cemitério, uma menina magrela e feia, com o eclipse lunar, se transformava em lobisomem (ou lobismulher?). Em outro canto, a pequena fada lunar brilhava ao redor de uma velha árvore escura. A mandala cósmica na mão esquerda do bom menino brilhava como um luminoso disco voador colorido. Alguns mortos perambulavam ao redor do muro do cemitério. Mas todas esses são sonhos que nada tem a ver com o vampiro e o fantasma. Nem tudo está interligado como engrenagem racional de uma grande máquina, nem todas as coisas fazem sentido. Há muito mistério na vida, muita coisa que - a despeito da arrogância da razão humana - nunca será compreendido ou mesmo será sequer tocado. E isso atormenta muita gente, principalmente quem não acredita no outro lado da vida, naquele lado de onde vem toda a poesia, todo o amor, todo sonho, tudo o que é desconhecido, e que está além de todo sofisma e verborragia inteligentes e inócuos.

- Como eu admiro você - disse a alma, sorrindo de uma maneira triste - você que, mesmo sendo um morto-vivo, gosta da vida. Eu nunca gostei da vida.

- Por quê, fantasma?

- Eu sempre tive medo de viver. E agora percebo isto bem. Eu, com todo o meu medo, nunca vivi de verdade. É por isso que eu gostava tanto de ver filmes e ler livros. Gostava de livros e filmes que falavam de paixão, de traição, de amores perdidos, de ciúme, e de êxtase e decepção porque eu mesma não tinha coragem de vivenciar essas coisas pois eu tinha medo do preço a pagar e das coisas que eu teria de ceder; assim, os livros e filmes vivenciavam por mim. Mais do que isso, eu vivia através dos livros e filmes, assim como um parasita se alimenta dos restos dentro de um intestino. E assim o tempo foi passando, escorrendo entre meus cabelos

que se esbranquiçavam... até o dia em que eu morri, e no funeral eu pude constatar que não houve nenhum amante, nenhuma paixão, ou mesmo nenhum inimigo. Quero dizer: a minha morte não fez diferença para ninguém. Ninguém chorou ou se alegrou com meu cadáver. E isso é tão triste... tão triste que minhas lágrimas bem que poderiam apagar o inferno, e por isso não me aceitaram lá. Que existência nojenta a minha!

O vampiro a tudo ouviu.

Eclipse. Luzes coloridas no céu. Vento. Noite.

A alma. Diáfana. Seu sorriso triste. Manchas, penumbras, pálidas e azuis de tristeza ao redor dos olhos. O seu corpo esbranquiçado, os seus tecidos vaporosos flutuando no ar sem peso, lentamente como num filme em câmera lenta, num filme como o que essa alma quis que sua vida fosse, como se estivesse flutuando na lua em eclipse - sua vida foi um imenso eclipse - ou nas profundezas de um oceano esquecido. Uma alma triste e bonita.

- Toque-me - o vampiro falou com firmeza.

- Não posso... - a alma se encolheu, com medo.

- Pode sim!

Ela o tocou. E, pela primeira vez, sentiu o corpo de alguém. Acha ser isso impossível.

- Agora beije-me! Agora!

Ela, de olhos fechados de medo, obedeceu.

A lua saiu do seu eclipse, assim como aquela alma.

Aos poucos o beijo foi consumindo-a, queimando-a, inflamando-a.

Queimando, queimando, queimando...

Ela ainda teve tempo de dizer ao vampiro, em meio a extraordinária luz que explodia dentro de si:

- Obrigada por me mandar para o inferno.

E assim o fantasma desapareceu.

O vampiro suspirou. E disse:

- De nada.

Fim

Olá amigos, ando pensando algumas coisas sobre arte... o texto ***abaixo, mais do que uma discussão entre pixadores e grafiteiros, é uma alegoria sobre tais pensamentos,*** *abraços, acabei de fazer esse texto.*

O BOM CAMINHO

- Afinal, o que você entende de arte?

Caminhavam os dois na manhã, sobre os trilhos.

Dois meninos. Dois camaradas de longa data.

Trilhos conduzem a caminhos diversos.

Um era grafiteiro. O outro, o pixador, lhe respondeu, cuspindo:

- Sei lá o que é arte! Só sei que gosto de fazer arte.

Ao que o outro, o de óculos, respondeu:

- Não, não, não... você diz "fazer arte" como criança que gosta de fazer bagunça. Arte não é isso.

- Cara, foda-se então! Eu gosto do que eu faço. Tá vendo o viaduto ali?

Lá estava o viaduto poluído, cinquenta metros acima do chão, e em sua crosta cinzenta de fuligem estava pixado em letras brancas: "GATÃO". E o pixador, disse, orgulhoso:

- Eu que fiz semana passada.

O grafiteiro falou:

- Você só está emporcalhando a cidade. Isso é um lixo! Não tem vergonha de sujar a cidade? Por que não faz arte como eu?

- Meu, eu não quero fazer arte como você! Eu quero é me divertir! Por que é tão difícil pra você aceitar isso?
- Você nunca será ninguém. Será só mais um pixador.
- Eu quero ser ninguém.
- Então por que você não se mata? - o grafiteiro disse, por fim.
Manhã dourada de frio, sol frio e oblíquo, escuras manchas de nuvens no céu; duas manchas escuras ao redor dos oblíquos e frios olhos do pixador e várias picadas nos seus braços não deixavam dúvidas que ele já estava trilhando esse caminho. Ele disse:
- Eu não vejo o seu trabalho por aí. Onde você grafita?
- Ora, em frente ao Centro Cultural, na Universidade da Zona Oeste, em alguns túneis de regiões importantes... e em geral nos bairros onde tem gente com censo crítico capaz de entender o que eu faço. Não perco o meu tempo com viadutos.
O pixador foi como que atingido por um raio furioso.
- Por que você não vem AGORA comigo praquele viaduto?
- Qual?
- *Aquele*, que não tem acostamento nem nada e que a gente vai ter de andar bela beira dele, do lado de fora. Vai ser divertido; se a gente cair é morte certa.
O grafiteiro engasgou:
- Não, não... eu não utilizo esse suporte para minha arte.
O pixador pegou no braço dele com desprezo:
- Seu grande herói das artes plásticas!... Sabe porque você não vai? Porque é covarde. E sabe por que você pinta aquelas coisas amarelas nesses lugares que você falou? Não é porque nesses lugares tem gente com "censo crítico". Não! É porque você espera ansiosamente que alguém descubra o belo "artista marginal" que você é, que vaga por aí "embelezando" a cidade! E, se aqui diante de mim você não tem dúvida nenhuma do que a merda que você faz é arte, quando você ficar famoso não terá dúvida nenhuma de posar de artista underground e dizer que "não sabe se o que faz é arte ou não", pois é essa a merda de discurso que se espera de um artista marginal. Ao menos eu pixo por diversão, pelo prazer, pela adrenalina de subir naquele maldito viaduto e deixar a minha marca, como um maldito gato que mija no telhado para marcar seu território. Isso que eu faço não tem nada a ver com arte; e nem por isso é uma coisa menos importante para mim. Eu não tenho o mínimo interesse de saber que um crítico de arte assexuado está interessado no que eu faço; o que me interessa é a admiração de outros bandidos iguais a mim, que sabem o que é escalar um viaduto somente pra pixar uma palavra. Você não sabe o que é isso, não é? Nunca vai me entender.
O grafiteiro ouviu impassível. Como um trem num trilho, que sabe de onde veio e pra onde vai. É verdade que nada sabe de outros caminhos, mas o seu caminho bidimensional, o seu projeto de vida, já estava traçado como a meticulosidade de um relojoeiro.
- Você é um idiota - ele disse, com desdém - nunca vai ser nada na vida. É um completo babaca, que suja a cidade e quer posar de sabido. Devia ir preso. E essa palavra que você pixa, "Gatão", o que quer dizer isso? Nada!! Enquanto que minha arte por ser lida em vários níveis, pois é pensada meticulosamente por mim. Oh, desculpe, me esqueci que você parou de estudar na oitava série. Você é um punk nojento, e quero mais é que se dane. Olhe só pra você. A pouca grana que ganha roubando é pra torrar com drogas.
- Aprendi com minha namorada, filhinho, a levar tudo até o fim - o pixador disse, com irreverência amarga - a propósito, ela morreu de overdose. Você, ao contrário, só fumou um ou dois cigarros de maconha, e não admiraria que quando for famoso acabe dando uma de drogado experiente. Sim, pois tenho certeza que você vai conseguir o que quer. Logo aparecerá na T.V. educacional; terá exposições em lugares chiques e todo mundo vai comentar de você. Todo mundo vai lhe aplaudir pelo que você não é, pelo que você quer que eles pensem ao seu respeito. Nada contra, cara. Sinceramente! Mas isso que você quer não é a minha praia e nem adianta tentar me converter.
Trilhos que se separam.
- Sabe de uma coisa, pixador? Acho que nossos caminhos devem se separar. É uma pena. gostaria que você deixasse de pixar e virasse grafiteiro que nem eu. Mas não adianta, você é um cabeça dura e é impossível convertê-lo para o bom caminho.
Os olhos do pixador, baixos e tristes para a camada de pedrinhas cinzentas sob os trilhos; ele estava sentindo uma angústia ao saber que precisava se separar de uma pessoa camarada. Isso pra ele era a morte.
Mas era o único caminho a seguir. Sem mais palavras, separou-se.
...
Ninguém nunca mais ouviu falar do pixador.
Anos depois, eram necessárias algumas dezenas de milhares de notas para se comprar um fragmento da arte do grafiteiro.
- Bem, eu não acho que o que eu faço seja arte. Talvez seja a expressão da marginalidade das ruas enquanto expressão social vista sob a ótica de um ex-usuário de drogas - ele dizia na entrevista para a emissora educacional, sob o olhar embevecido do repórter cultural.

Naquela noite, sonhou que sua cabeça estava coberta de fuligem, e que era um caminho que ligava o nada ao lugar nenhum. alguém grava uma palavra na sua testa, e a dor que ela lhe provocou lhe causou um estranho ressentimento contra aquela marca. Mesmo não vendo, ele sentia que a estética daquela palavra era linda, mas se recusava a admitir. E também não admitia que ela nunca mais iria sair dele.
Acordou então com um gato miando sobre o muro.
Sentou-se na cama, apoiou o cotovelo no joelho e com o punho da mão fechado, pôs-se a pensar.

FIM

30/07/2006

olá, amigos; esse conto abaixo é uma advertência sobre onde vamos para se continuar a faltar amor no mundo.

Mais do que justiça e ética, o que nos falta é amor.

Baby Runner

eles não possuem sentimentos

e não possuem lembranças

(não tiveram tempo para isso)

- E em mais um crime bárbaro nesta manhã de segunda-feira, uma mulher grávida foi violentamente morta por uma gangue de menores de idade, que a torturaram e a mutilaram até a morte. A perícia ainda não encontrou os seios da vítima, e o seu filho de quatro meses foi brutalmente tirado de sua barriga com uma faca e esmagado com um tijolo. O crime chocou a cidade. Por todos os lados há cartazes de protestos contra a escalada da violência e uma passeata foi convocada pedido redução da maioridade penal. A seguir, depoimentos colhidos com pessoas dessa passeata:

"Tem de matar esses monstros!"

"É preciso baixar a maioridade penal urgentemente!"

"Na hora de matar, esses covardes matam que nem gente grande. E a lei ainda protege eles!"

"Eu queria era matar esse bando de animal"

"Parece um monte de robô de video game"

"Se a coisa tá assim, imagina daqui a dez, vinte anos?"

- Após esse crime brutal, os deputados prometem dar urgência na lei que baixa a maioridade penal. A seguir, um breve histórico da lei: Há quarenta anos, a maioridade penal estava nos dezoito anos, por incrível que possa parecer hoje. Mas, devido a uma seqüência de crimes bárbaros e chocantes, a idade para alguém ser responsabilizado penalmente baixou paulatinamente para dezesseis anos, depois para quatorze, e depois, sucessivamente, e acompanhando a escalada da violência, para doze, dez, oito, seis e cinco anos, sendo que esta última idade está em vigor a menos de seis meses. Infelizmente o crime organizado está aliciando jovens abaixo dessa faixa de idade para cometer seus crimes. Há menos de um mês um ataque de meninos com quatro anos, usando armas automáticas de baixo peso, matou pelo menos trezentas pessoas no centro da cidade. Outro caso que causou repercussão foi o do Airbus que foi abatido com uma arma laser por um menino de apenas três anos, causando a morte de todos os seus oitocentos passageiros. O menor foi linchado por populares.

- A idade média dos jovens e violentos criminosos de hoje, de cerca de quatro anos de idade, lembra a dos replicantes Nexus-6, do antigo filme Blade Runner. Por essa razão esses assassinos foram apelidados de Baby Runner.

- Tais como os replicantes do filme, essas criaturas peversas de quatro anos que muito vagamente lembram bebês não sabem nada sobre quem são, de onde vieram e para onde vão. Não tem nenhuma experiência de vida, e nada sabem sobre o valor da vida humana. São abortos ambulantes, destituídos de sentimento, e que matam sem sequer saber o que isso representa. São anjos monstruosos. E ainda há quem os defenda. É mesmo o fim do mundo.

Posfácio: pequena crônica aos amigos

Olá amigos;

Hoje à tarde ajudei na mudança do meu irmão que é dez anos mais velho do que eu;ele se separou da mulher e resolveu alugar uma pequena casa perto da minha.

Enquanto fazíamos isso, nós relembrávamos fatos de antigamente, de coisas que só nós dois vivenciamos; coisas de mais de vinte cinco anos atrás; ríamos bastante das coisas engraçadas pelas quais passamos (E isso com cada um carregando um objeto ou mala nas costas). Como por exemplo quando meu irmão inventava histórias de terror, em 1982, e enviava para um programa de "casos reais sobrenaturais" duma rádio. Eu tinha seis anos, e me divertia com a criatividade dele. Aliás, em minha família todo mundo sabe como inventar um texto bacana.

Chegamos lá na casa; uma cachorra bem velhinha mora no quintal, e ela veio nos saudar.

- Era da antiga moradora da casa, que morreu - esclareceu meu irmão.

Dentro da casa ainda tem bastante coisa dessa senhora que faleceu - uma mesa, um filtro de água, espelho, um armário...

Aquilo tudo me atingiu.

Ali estava com toda a força o que era a ausência de alguém que nunca mais voltaria. Os objetos estavam ali; até mesmo a cachorrinha dela, mas essa pessoa - a qual eu nem faço idéia de quem seja - se foi para sempre. Talvez ainda viva na lembrança dos seus entes queridos; talvez sua alma esteja em outro plano de existência... porém, naquele momento, saber dessas coisas não me consolou nem um pouco.

E por outro lado, achei bom ver tudo aquilo.

Pois mostrava bem - e com toda a intensidade - como a nossa passagem nessa vida pode se extinguir; mais

cedo ou mais tarde também embarcaremos para essa viagem tão temida e tão certa, e deixaremos para trás todas as bagagens desnecessárias.

Meu irmão maluco logo inventou uma história de terror envolvendo os objetos da falecida e a cachorrinha. Em vez de repreendê-lo pelo desrespeito, eu, ao contrário, ri junto com ele. Aquilo era o que devemos fazer com as coisas ruins da vida, nossas preocupações, com nossas dívidas, e, por fim, com a própria certeza de que um dia nós também iremos partir e que tudo o que ficará, fisicamente, serão alguns objetos, algumas fotos...

E assim, ajudando numa mudança e vendo uma cachorra sem dono e objetos largados que eu me senti mais ligado ao meu irmão e à vida.

Josiel Vieira de Araújo
12/03/2007
21h46min